

Opinião

A8

JORNAL DO BRASIL

DOMINGO, 24 /
SEGUNDA-FEIRA, 25 DE
DEZEMBRO DE 2006
opinioao@jb.com.br

Editorial

ECONOMIA - *Boa noite*

A verdadeira ousadia que falta

DEPOIS DA PLETORA de promessas e mistérios, o Palácio do Planalto decidiu adiar para janeiro a divulgação do já místico pacote fiscal destinado a “destravar” a economia. Como se sabe, quase chegando ao fim de quatro anos de governo, o presidente Lula admitiu não ter a mínima idéia sobre o que fazer para cumprir o que mais prometeu na campanha: a promoção do desenvolvimento em ritmo mais acelerado do que o conseguido até aqui. Admitida a distância entre as promessas e os fatos, o comandante petista assegurara que aquilo que a iluminação divina lhe sonegara no primeiro mandato chegaria, enfim, em 31 de dezembro, data do momentoso encontro marcado por Lula com a solução para o fetiche presidencial – um crescimento de 5% ao ano.

Os motivos da postergação do pacote, como de praxe, foram desconstruídos. Segundo o porta-voz André Singer, o presidente pediu maior “detalhamento dos projetos”. Outros creditaram o adiamento aos embates entre integrantes do governo. Também se sugeriram os efeitos da correção da tabela do Imposto de Renda em 4,5% e a fixação do salário mínimo de R\$ 380. (Como tais medidas resultarão em R\$ 1 bilhão de despesas adicionais no Orçamento de 2007, a área econômica precisará encontrar uma forma de fechar a conta e manter as “ousadias” exigidas pelo presidente para constarem do pacote). Última versão sublinhou o conselho do marqueteiro João Santana, para quem o impacto do anúncio seria maior se ocorrer depois das festas.

Ao que parece, assim será. Pouco importa. O que já ficou claro é que jamais deu em boa coisa qualquer tentativa governamental de acelerar o crescimento econômico por meio de “pacotes”. Trata-se de estratégia a ser afastada. Cria expectativas excessivas, inspira desconfianças adicionais e não vai ao ponto do que o país precisa. O Brasil assistiu a esses filmes várias vezes. Sabe que os protagonistas chegam ao fim com as ilusões perdidas.

Seja como e quando vier o fatídico pacote, e sendo o desatramento da economia a pedra de toque do segundo mandato, chega-se à conclusão de que as coisas estão mal paradas. Que o presidente sabe o que deseja, não há mais dúvida: 5% de crescimento. Não sabendo, porém, como chegar lá, tem rejeitado as opções postas à mesa. Lula se mostra farto de ouvir falar em cortes e ansioso para ouvir falar em crescimento – como se este possa vicejar sem aqueles.

Diversos estudos domésticos e internacionais têm creditado ao poder público o nosso imobilismo econômico. Mas tais vaticínios parecem ser ignorados por alguns integrantes do governo, presidente à frente. Faz tempo que o Estado não dá conta do recado porque faz tempo que é maior do que a economia. Para repetir o lugar-comum nacional, o poder

Acelerar o crescimento econômico por meio de “pacotes” é uma estratégia temerosa

público sangra a sociedade com impostos europeus e lhe devolve serviços africanos. A carga tributária, já beirando os 40%, é apropriada pela área estatal para nutrir o próprio corpanzil.

A tarefa é redesenhar – radicalmente ou por etapas, mas com firmeza – o perfil do gasto público. Mais: o Brasil só poderá escapar do crescimento espasmódico quando ampliar o volume de investimentos em patamar elevado e assim mantiver por longo tempo. O dinamismo econômico dependerá do entusiasmo dos investidores privados. Mas, para despertar tal otimismo, convém criar um ambiente propício aos negócios, com tributação razoável, boas condições de financiamento, juros racionais e um mínimo de segurança para projetos de longo prazo. Os bacilos da letargia brasileira afastam boa parte desses estímulos.

Eis a verdadeira ousadia a esperar do segundo mandato.